



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO: BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

PABLO FERNANDO JERÔNIMO DE SOUZA RODRIGUES

**História oral como técnica para o arquivista na
construção do arranjo documental**

**JOÃO PESSOA
2014**

PABLO FERNANDO JERÔNIMO DE SOUZA RODRIGUES

**História oral como técnica para o arquivista na
construção do arranjo documental**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à coordenação de curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, com o requisito parcial para obter o título de bacharel em Arquivologia.

Orientador: Prof. Dr. Rosa Zuleide.

JOÃO PESSOA
2014

R696h Rodrigues, Pablo Fernando Jerônimo de Souza.

História oral como técnica para o arquivista na construção do arranjo documental / Pablo Fernando Jerônimo de Rodrigues – João Pessoa, 2014.

34f.

Orientador: Rosa Zuleide Lima de Brito.
Bacharelado em Arquivologia (CCSA/UFPB)

1. Arquivologia. 2. História oral. 3. Classificação documental. 4. Arranjo em arquivo.

UFPB/CCSA

PABLO FERNANDO JERÔNIMO DE SOUZA RODRIGUES

**História oral como técnica para o arquivista na
construção do arranjo documental**

Trabalho de conclusão curso aprovado em

Banca Examinadora:

Professora Dr. Rosa Zuleide (Orientadora)

Professora Ms Genoveva Batista (Membro)

Professora (Membro)

A minha Mãe Cleoneide e meu Pai
Fernando pela vida, em especial a
minha Mãe que sempre foi um
espelho pra mim.

Aos meus Irmãos Jonatas, Julio,
Juliannne, Vinicius, Thaís e Laís pela
nossa Família.

A minha Esposa Vanessa pelo
Amor.

À UFPB pelo caminho.

Dedico.

AGRADECIMENTO

A Deus, por ter dado fôlego de vida para que eu pudesse cumprir mais uma fase da minha vida.

A minha orientadora, professora Dr. Rosa Zuleide Lima de Brito, pessoa fundamental nesse processo. Seu apoio, sua atenção, carinho, competência e sabedoria foram cruciais para me guiar.

Aos membros da banca, professora Genoveva batista e professora Gisele Cortês, pela gentileza de aceitar o convite e pelas valiosas contribuições.

A todos os professores do Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, que compartilharam seus conhecimentos durante as disciplinas do curso.

Ao Departamento de Ciência da Informação e a coordenação de Arquivologia que possibilitou a realização do meu curso.

A todos os funcionários da coordenação e a do curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba pelo trabalho realizado durante esses anos.

A todos os colegas de turma e de curso, em especial a João Filipe, Célio Roberto e Isabel pelos momentos de descontração e companheirismo.

Aos meus irmãos Jonatas, Julio, Vinicius, Julianne, Thais e Laís pelo amor incondicional.

A minha esposa Vanessa de Oliveira Farias pela compreensão e dedicação.

Aos meus pais Cleoneide Jerônimo e Fernando Rodrigues pela vida e ensinamentos e por sempre acreditarem nos meus esforços.

RESUMO

Arquivologia como área de conhecimento contemporâneo, possui muitos desafios no seu campo de trabalho. A realidade de muitas instituições é possuir um grande volume documental e não possuir estrutura física, acondicionadas de maneira errônea e sem organização. Sobre a questão da organização dos documentos, o arranjo documental entra como primeiro passo para organização da massa documental, passo esse fundamental para o desenvolvimento de outras atividades como, por exemplo, a classificação e a descrição. Este artigo buscou mostrar a interface de duas áreas de conhecimento: a Arquivologia e História. Trabalhar a interlocução dessas duas áreas de conhecimento é importante, pois a história oferece contribuição para o desenvolvimento do trabalho do arquivista. Apresentou, de forma geral, como o arquivista poderá usar a técnica da história oral para a construção da memória institucional, que define o arranjo documental. Caracterizou-se como uma pesquisa documental, utilizando textos referentes a temática. Destacou-se, por meio deste estudo, que as lacunas documentais existentes nas instituições dificultam o trabalho do arquivista, uma vez que, os documentos existentes muitas vezes não respondem nossas perguntas como profissionais. Para suprir a necessidade de informação quanto a construção de um arranjo consistente temos a história oral como uma das técnicas advindas da História, como coadjuvante no levantamento de informações de funcionários e ex-funcionários para reconstruir a história administrativa e a memória institucional. Essa interlocução mostra que a Arquivologia utiliza métodos da História, especificamente na gestão documental

Palavras chaves: 1. Arquivologia. 2. História oral. 3. Classificação documental. 4. Arranjo em arquivo.

ABSTRACT

Archival and contemporary knowledge area, has many challenges in their field of work. The reality is that many institutions have a large volume document and has no physical structure, put in the wrong way and without organization. On the question of the organization of documents, documentary score enters as a first step to organizing mass documentary, this fundamental step for the development of other activities, eg, classification and description. This paper aims to show the interface of two areas of knowledge: Archival and History. Working the dialogue between these two fields of knowledge is important because the history provides contribution to the development of the work of the archivist. Showed, in general, as the archivist can use the technique of oral history to build institutional memory, which defines the document arrangement. Characterized as desk research, using texts on the subject. Stood out through this study that the documentary gaps in institutions hinder the work of the archivist, since existing documents often do not respond our questions as professionals. To meet the need for information regarding the construction of a consistent arrangement have oral history as one of stemming techniques of history as an aid in gathering information from employees and former employees to rebuild the administrative history and memory institucional. that dialogue shows that Archival uses the methods of history, specifically in the document management.

Keywords: 1.Archivology. 2. Oral history. 3. Documentary classification. 4. Arrangement on file.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	MEMÓRIA.....	10
2.1	MEMÓRIA INSTITUCIONAL.....	12
3	HISTÓRIA ORAL.....	14
3.1	A IMPORTANCIA HISTÓRIA ORAL PARA A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA.....	17
3.2	MEMÓRIA E A HISTÓRIA ORAL.....	19
4	INTERFACE ENTRE A HISTÓRIA E A ARQUIVOLOGIA.....	22
5	O ARQUIVO PERMANENTE E O ARRANJO: desafio para o arquivista.....	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Transformar velhos conceitos em novas realidades, recriar, renovar são os desafios da contemporaneidade. Olhando para esse horizonte é crucial porque nos mostra que não existem fronteiras para o conhecimento e que as disciplinas podem e devem conectar metodologias e técnicas. Esse processo de diálogo entre disciplinas, é conhecida como interdisciplinaridade, que, de acordo com Câmara (1999, p.15)

A interdisciplinaridade deve ser pensada como entre ciências, por um lado, considerando o território de cada uma delas e, ao mesmo tempo, identificando possíveis áreas que possam se entrecruzar, buscando as conexões possíveis. E essa busca se realiza por meio de um processo dialógico que permite novas interpretações, mudança de visão, avaliação crítica de pressupostos, um aprender com o outro, uma nova reorganização do pensar e do fazer.

A interdisciplinaridade é, portanto, uma atividade de reconquista da ideia única do conhecimento do ser humano, isso devido ao avanço da ciência e sua proliferação nas questões que especificam onde ela não demonstra ligação com o todo. Somente os pesquisadores e cientistas podem romper essa alienação e romper essa história entre o saber e a realidade.

A partir do século XX a ciência moderna usa esse mecanismo para ampliar as pesquisas científicas. Segundo Fazenda (1993,p.41), [...] "interdisciplinaridade é proposta de apoio aos movimentos da ciência e da pesquisa. É possibilidade de eliminação do hiato existente entre a atividade profissional e a formação escolar". Essa ideia mostra a recuperação da unidade do homem e a conscientização sobre a presença do humano no mundo.

Essa perspectiva defende a importância de se trabalhar com interdisciplinaridade no campo de ciências antes distante, agora unidas para um fim comum. Para que isso ocorra é preciso compromisso e vontade dos profissionais que irão usar esse artefato, uma vez que, a interdisciplinaridade precisa de possibilidade para ser trabalhada, para depois iniciar os estudos teóricos das disciplinas, para assim ser colocada em prática.

No bojo dessas questões, encontra-se a Arquivologia como campo de conhecimento que em fase de maturação, que além de dialogar com outras áreas de conhecimento, foi por muito tempo, disciplina auxiliar da História. Como se verifica na literatura sobre a área, pode afirmar que essa interlocução gera até hoje, grande produção de estudos da História e Memória atrelada à Arquivologia, visto que os historiadores trabalham com documentos com valor histórico, existentes nos Arquivos permanentes, que tornam-se mananciais de estudos e pesquisas. Essa concepção encontra respaldo na proposta de Nora (1993, p.21), onde podemos ver o arquivo como um lugar de memória, uma vez que, para o autor, "os lugares de memória vão do objeto material e concreto ao mais abstrato, simbólico e funcional; esses aspectos, concomitantemente, devem existir sempre." Por essa questão, é comum afirmar que o arquivista trabalha com a Memória, apesar de que, os estudos sobre Memória não contribuem para o avanço científico da Arquivologia. De que maneira a História pode contribuir para a Arquivologia, de forma mais específica, na gestão documental? Essa é a questão norteadora desse artigo, pois como aluno concluinte do Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba e com formação em História, percebemos que a História pode contribuir muito, principalmente na atividade de arranjo, que sempre é realizada na documentação permanente, embora saibamos que a classificação é feita na gênese documental.

A resposta ao questionamento feito é reforçada na afirmativa de Sousa (2008, p.25) de que

apesar da história oral ser mais do que uma preenchedora de lacunas, ou seja, construtora de registros escritos, onde não existia, ela tem se construído em uma ferramenta importante, pois pode fornecer algo que os textos legais não conseguem: a realidade concreta das instituições a partir de entrevistas com os sujeitos daquelas, ou seja, os seus funcionários.

A citação acima foi retirada de uma metodologia apresentada pelo autor quando o arquivista se debruça na elaboração de um plano de classificação, a partir de uma massa documental acumulada e norteia a temática pela qual foi desenvolvido o nosso pensamento.

O autor apresenta a técnica da história oral como uma das opções para o fazer do profissional arquivista, no âmbito da gestão documental. A classificação por função, apesar de ser a mais usada nos arquivos, considerando que ela não muda, também não identifica o seu produtor dentro da instituição, daí a necessidade do arquivista recorrer à pesquisa de atos constitutivos, de reunião e os de direção (Sousa, 2008, p.25) para obter informações concretas, que vão consolidar o arranjo documental, que, na maioria das vezes, ocorre no arquivo permanente, onde os sub-fundos precisam ser identificados.

Para que o arranjo retrate de forma consistente a evolução histórico administrativa do produtor, se faz necessário levantar dados e informações que levam o arquivista desenvolver papel de pesquisador para identificar como ocorreu a dinâmica dessa evolução e suas alterações. Sabemos que, na maioria das vezes não se encontram registradas essas informações ou os documentos que forneçam esses registros, se encontrem "perdidos" na massa documental acumulada. Por falta de informações precisas, surge então a técnica da história oral, como um artefato importantíssimo para o arquivista, na atividade de classificação e arranjo, dentro da gestão documental.

Para melhor consecução do que se propõe o presente artigo, destacamos, a seguir, as abordagens teóricas sobre o conceito de Memória e de memória institucional, a história oral e sua interface com a gestão documental.

2 MEMÓRIA

Conceituar memória é muito árduo, pois a memória busca captar as experiências de um tempo passado para ser reconstruindo no presente. Essas experiências são fundamentais para as transformações e desenvolvimento da sociedade, pois analisando uma sociedade podemos perceber as inovações ocorridas dentro de si, mesmo que muitas cultivem tradições, mas as próprias tradições sofreram modificações no decorrer do tempo por causa das experiências.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, o que ele representa como passadas. (LEGOFF, 2003, p.419)

O estudo da memória de uma sociedade contemporânea coloca muitos desafios para realização de pesquisas, que muitas vezes ficam sem andamento em decorrência de: esquecimentos, aumento da verdade, tradições, mitos, inverdades, entre outros.

Realizar um trabalho de pesquisa, com a memória é desafiador, pois o estudo é complexo. Quando queremos entender uma sociedade, comunidade, civilização, aldeias etc., através de suas memórias, temos que ter cuidado para a elaboração da pesquisa. Colocar objetivos definidos é fundamental no trabalho de elaboração da pesquisa e na coleta de dados recolhidos. Esses objetivos traçados influenciam na seleção de memória que irá ser pesquisadas.

As narrativas estão cheias de mistérios que cabe ao pesquisador desvenda – lás, exemplo disto é o esquecimento, muitas vezes o pesquisador realiza coleta de dados e deixa lacunas nas próprias memórias ou não revela as tradições ocorridas no ambiente que vive. Outro exemplo é o aumento de verdades, ao contrário do esquecimento, a coleta de dados é gigantesca ocasionando a perda de rumo na pesquisa. Cabe ao pesquisador adequar sua coleta de dados aos objetivos da sua pesquisa.

A sociedade implica na atualização dos quadros sociais, o que só possível pelo reconhecimento e reconstrução de lembranças articuladas entre si. É neste sentido que o passado não é conservado pela evocação das lembranças, Mas reconstruído numa dimensão presente. (BARRETO, 2007, p.)

A memória tenta reconstruir o esquecido. Realizando uma conexão entre a memória social e a cultura, observamos as relações do homem e sua trajetória dentro do tempo e espaço, de tal maneira que partido da antiguidade até a contemporaneidade é visto pleno desenvolvimento.

Para tentar resgatar a memória tem que selecionar o que podemos e o que queremos, por que a memória é construída no tempo presente, mas os elementos para sua construção ou reconstrução são do passado.

E partindo desse escopo perceber a linha de pesquisa entre memória e a história oral, pois a história oral traz suporte para cristalizar as memórias, sejam elas individuais ou coletivas.

2.1 MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Trazendo a história oral para ser trabalhada na recuperação da memória institucional, é deixar viva a própria instituição, é uma maneira de fortalecer a sua estrutura administrativa e histórica. Para que haja esse trabalho, a preservação da memória é feita através da conservação de fotos, documentos, objetos e os registros dos fatos e tais atividades compete ao arquivista.

O sujeito da história da instituição também faz parte do resgate e da construção da memória institucional. Por que o trabalho e ações dos servidores de cada instituição foram e são determinados em um tempo e espaço. Esse tempo e espaço representa momentos importantes da instituição, como por exemplo mudanças nas leis como a chegada da constituição de 1988, troca de funcionários antigos e experientes por funcionários novos e sem entendimento a respeito da dinâmica e da cultura organizacional.

Costa (1997, p.3;146.) afirma que “[...] se a instituição existe, a memória se plasma. É pregnante. Constitui marcas, rastros ou traços que contêm informação [...]”, e, ainda segundo a mesma autora, esta informação:

Em estado caótico ou virtual, [...] é sempre embrião: forma e contém informação. Vistas através das lentes do tempo, as instituições refletem as formalizações das culturas. [...] Ao contrário do que costumamos pensar, nós somos e fazemos nossas instituições. E a memória institucional é o reflexo dessa trajetória, não como mimesis, mas um cristal com suas múltiplas e infinitas facetas.

Foi na década de 1970 que a memória institucional começou a ser estudada e despertou o interesse de estudiosos de diversas áreas como sociólogos, antropólogos e historiadores. Esse interesse surgiu a partir das próprias empresas que enxergaram a importância de preservar e conservar sua memória. Já, na década de 1980 na França são criados os centros de arquivo no mundo do trabalho.

Esses centros eram ligados e subordinados ao Arquivo Nacional da França, cujo objetivo dos centros era coletar arquivos privados para os fins culturais e científico.

No Brasil a memória institucional era trabalhada por órgãos públicos e por alguma instituição ligada as universidades. Os primeiros trabalhos sobre memória institucional no país foi datada de 1960 e refletia sobre o desenvolvimento das indústrias. Como a década de 1980, brasileira foi marcada de diversas situações, como fim da ditadura, redemocratização e nova constituição de 1988, ocorreram mudanças nas estruturas e na transparência das instituições.

[...] especialmente quanto ao consumidor final-, que passava a requerer novos parâmetros de qualidade e de comunicação institucional, exigindo de empresas e governos uma relação mais aberta e principalmente mais transparente. Isso mudava o foco não apenas do marketing como também da administração dos recursos humanos e da relação empresas-comunidade. (GAGETE; TOTINI, 2004, p.118).

Muitas instituições não possuem e não possuíam planejamento para a sua documentação fato que não difere muito da realidade atual. O destino de muitos documentos fundamentais para tomada de decisões e rotineiro da instituição, como procedimentos, produtos, e que fazem parte da memória institucional são deixados em galpões ou em arquivos sem estrutura, ou seja, a memória institucional está sendo jogada no lixo e perdida.

Essa realidade mostra claramente perda de identidade das instituições. As organizações necessitam de mudanças e da conexão com os centros acadêmicos para essas mudanças existam. Essa conexão está vinculada aos serviços e produtos da Arquivologia e mão de obra. Onde a as instituições possui o serviço e o centro acadêmico entra com o mão de obra. Como diz Nassar (2007):

A empresa que tem a intenção de se perpetuar no mundo de hoje, com vistas para o futuro, deve inescapavelmente legitimar suas atitudes, ações, posturas e, especialmente, ter consciência e dar conhecimento dos impactos de suas atividades no passado, no presente e no futuro em diferentes níveis, do comercial ao social. Aquela historinha mal-contada ou a varrida do lixo para debaixo do tapete, já não são aceitas e colocam qualquer organização em risco.

A memória institucional cria a ideia de identidade e da importância da história (Nassar, 2007), qualidade nos produtos/serviços é importante sim, porque o mercado exige que as instituições tenham um diferencial: Responsabilidade Histórica Empresarial que segundo Nassar (2007a) “[...] é um conceito sistêmico, relacionado às atividades humanas especialmente a partir das organizações empresariais [que] reúne as responsabilidades comercial, legal, ambiental, cultural, social, etc. [...]”, e que só se constrói por meio do tratamento, preservação e disseminação da Memória Institucional.

3 HISTÓRIA ORAL

A história oral surgiu como inovação de pesquisa no âmbito da história. Segundo a tradição registrada pela North American Oral History Association, a história oral, como técnica moderna de documentação histórica, foi estabelecida em 1948 quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de pessoas importantes da vida americana.

A história oral, inicialmente nasceu como forma de registro de relatos, mas com o decorrer do tempo transformou-se em entrevista direcionada. Esse tipo de pesquisa recebe muitas críticas, entre as quais é a de que os dados podem ser facilmente manipulados como estratégias. Para acabar com essas manipulações foi adotado o processo de gravações dos relatos. Oscar Lewis foi pioneiro nesse processo de captação das entrevistas, utilizando fitas para gravar os relatos orais.

“[...] como o gravador, reavivou novamente o relato oral: as fitas pareciam agora o meio milagroso de conservar a narração uma vivacidade de que um simples registro no papel as despojava, uma vez que a voz do entrevistador, suas anotações, suas pausas, seu vai-e-vem no que contava constituíram outros dados preciosos para o estudo. Sem dúvida Oscar Lewis foi o pioneiro neste sentido. [...]” (QUEIROZ, 1987, p 273).

O relato oral é uma maneira confiável para assegurar as fontes humanas de conservação e também de disseminação do saber para as pesquisas científicas. Pois as narrativas mostram vários aspectos de uma sociedade como: organização social, político da sociedade, tipo de economia e religião, além das experiências e tradições da própria sociedade.

A história oral consegue capturar as experiências de vida dos narradores, mas não podemos esquecer que no centro dessas experiências estão recolhidas tradições, mitos, narrativas de ficção e crenças, onde cabe ao pesquisador saber esmiuçar o seu objeto de trabalho para realização da pesquisa.

Dentro das ciências sociais o trabalho de campo de utilizar a história oral é através da entrevista. A entrevista não é uma mera conversa sem fundamentos entre o informante e o pesquisador. Porque possui objetivos definidos. Nesse caso, a comunicação verbal e a importância de uma linguagem são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

A entrevista-conversa bem elaborada constitui-se um instrumento investigativo fantástico para elaboração da pesquisa, pois por meio dele o pesquisador consegue dados importantes, que realizando apenas uma simples entrevista formal não daria tanto resultado como a entrevista-conversa. “a entrevista é procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos.” (GOMES, p.57).

Atendendo à feroz crítica de cientistas sociais positivistas e historiadores documentalistas tradicionais, alguns dos primeiros manuais de entrevistas procuraram legitimar a história oral advogando um modelo "científico" para a entrevista de pesquisa: o entrevistador deveria usar um questionário consistente e cuidadosamente estruturado de modo a facilitar a análise comparativa; ele, ou ela, deveria controlar o enfoque e o fluxo da entrevista, mantendo, porém, uma presença neutra e objetiva, evitando, assim, afetar adversamente as histórias contadas; deveria conduzir entrevistas individualmente e fazer o mínimo de interrupções possível. (THOMSON, 1998 p.48)

A história oral passa por modificações ao longo do tempo, pois com o desenvolvimento das tecnologias as maneiras de captação de experiências mudaram, mudou também a maneira da entrevista, onde a entrevista continue objetiva, mas sem que haja o intrometimento do pesquisador. Baseando-se neste processo a história oral ganhou mais suportes para o armazenamento da memória, exemplo disso é uma filmagem que tem o poder de guardar mais elemento de um determinado indivíduo ou grupo. Através dessas inovações tecnológicas a história oral ganhou novas metodologias de pesquisas, nova interpretações e também a importância dentro do próprio universo acadêmico, onde os pesquisadores reconhecem a sua importância com sua flexibilidade de entrevistas.

Trabalhar com a história oral é encarar desafios, pois temos que enfrentar negação, resistência etc. por parte dos entrevistados que muitas vezes não aceitam que o entrevistador relate as suas memórias.

Cabe o entrevistador ter sensibilidade na hora realizar sua pesquisa, executando uma boa comunicação e tendo respeito a cultura e as tradições dos pesquisados. Thomson (1998, p.51) escreveu em sua pesquisa que, Janis Wilton descreveu a ocorrência de uma forte resistência entre as pessoas mais velhas da comunidade chinesa na Austrália, homens e mulheres, a se referirem a experiências negativas de racismo em suas entrevistas, em parte porque tal franqueza pode solapar uma aceitação social conquistada à duras penas e, em parte, também, devido a uma preferência cultural por não falar mal do passado.

As entrevistas de história oral também permitem explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica e a natureza de organizações clandestinas. Elas oferecem uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais, de eventos passados: qual a sensação de casar-se, de estar na linha de fogo, de enfrentar a morte em um campo de concentração.

Em 1970, Morrissey (1970.p107) o pioneiro da história oral norte-americana, afirma que "reduzir o ato de entrevistar a um conjunto de técnicas é... como cortejar seguindo uma fórmula... Há o perigo de se confiar demais nos instrumentos, e de menos na intuição, à antiga, sobre quais instrumentos usar em que situação... as técnicas e outros aspectos da história oral variam conforme o tipo de pessoa que se estiver entrevistando".

A entrevista seja ela estruturada, semi-estrutura ou ate mesmo a conversa informal são recursos da própria historia oral para captação da informação. Utilizar um suporte para fixar a informações da memória biológica da pessoa que estar sendo a fonte de pesquisa é fundamental para validação do trabalho. As informações captadas devem ser filtradas com bastante cuidado pelo arquivista e mesmo as informações que vão servir de base para o trabalho devem possuir um respaldo metodológico.

3.1 A IMPORTANCIA DA HISTÓRIA ORAL PARA A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA.

Trabalhar com a memória não é nada fácil, pois ela abre vários leques de opções para escolhermos a maneira de observá-la, e quando isso chegar as mãos dos pesquisadores muitas vezes, a utilização de várias técnicas para tenta utilizar a memória tais como; pesquisas bibliográficas, recolhimentos de informação e outros. Mas, até chegar à técnica desejada perdeu-se muito tempo.

Legoff (1990, p.426) salienta que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.”

A história oral surgiu como meio para contrapor as pesquisas quantitativas, e é considerada com técnica de excelência, pois as pesquisa quantitativas apresentam apenas números, enquanto a história-oral mostra fatos ocorridos, relatos, vivenciados, vividos dentro da sociedade de maneira que os números nunca poderão representar.

Em relação às pesquisas qualitativas e quantitativas, Haguette (1995, p.63) escreveu que as pesquisas qualitativas:

Fornecem uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos.

Sobre as pesquisas quantitativas a autora explica que “pressupõe uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser” (1995, p.63).

Mesmo sendo tipos e visões diferentes de pesquisas, a forma qualitativa e quantitativa estão relacionadas, principalmente na hora da construção da pesquisa que é momento prático da pesquisa.

Martinello (1999, p.35) enforca que “o conhecimento não reduz a um rol de dados isolados conectados por uma teoria explicativa. O pesquisador é integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado”. Valentim (2005, p.19) salienta que a,

Articulação da pesquisa qualitativa e quantitativa é importante, porquanto elas devem ser complementares e não excludentes. Acredita-se que o desenvolvimento de pesquisas científicas, nas áreas das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, são plurais e, portanto, aceita diferente tipos de pesquisa.

A história tenta reconstruir a sociedade humana de lógica “entendida como o trabalho que cada época realiza o que já existia anteriormente, mas que não se podia incluir num sistema de imagens” (SCHIMIDT; MAHFOUD, 1993, p.293).

A utilização da técnica da história-oral dentro da memória quebra também o paradigma, como o positivista, onde o relato sendo observado distorceria a verdade, por isso era desprezível e apenas os documentos oficiais eram válidos. Portanto, para o positivismo a memória não poderia ser construída pela história oral. Os seguidores do positivismo realizam uma separação na pesquisa entre pesquisador/autor e obra, que por sua vez o pesquisador era proibido de esclarecer sua opinião e mostraria sua pesquisa isenta de seu julgamento. Mas, a história-oral é um instrumento para a memória, podendo tanto captar narrativas coletivas ou individuais. A partir dessa captação pode ser realizada e construída a história.

Os historiadores "positivistas" não tinham obsessão pelo seu trabalho. Estes, "muito preocupados, dada sua educação primeira, pelas dificuldades, as dúvidas, os freqüentes recomeços da crítica documental, tiraram destas constatações, antes de tudo, uma lição de humildade desiludida pelo positivista em relação à história oral. A disciplina à qual votavam os seus talentos não lhes pereceu, afinal de contas, capaz, nem no presente, de conclusões bem seguras, nem no futuro de muitas perspectivas de progresso". (MARTIN: 2000, 125)

A revista dos *Annales* surge numa época em que a "escola metódica" exalta a sua preocupação com a erudição, privilegiando a dimensão política - procurando dar grande ênfase ao acontecimento. A corrente inovadora (*Annales*) despreza o acontecimento e insiste na "longa duração"; deriva a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva. (MARTIM: 2000 p.119)

Os pesquisadores sociais que realizam a técnica da história oral através de entrevistas, depoimentos, gravações, relatos, filmagens e outros, transformam, mas experiências de vida em documentos. E desta maneira podem elaborar sua pesquisa, ligando-se com atributos da memória dentro do contexto escolhido.

Mas devemos ter muito cuidado na hora da captação dos relatos, pois os mesmos fazem parte da memória podem estar cheias de mitos, relatos, lendas e tradições, mesmo assim não devem ser descartados, pois fazem parte da história.

A interface entre a utilização da história-oral dentro do contexto memória pode decifrar nossas contemporaneidades e mostrar perspectivas da sociedade e até mesmo da civilização humana.

Baseando-se em relatos e descrições alheias, o homem não está encerrado no estreito círculo das suas próprias experiências, mas pode ir muito além de seus limites apropriando-se, com base na imaginação, das experiências históricas e sociais alheias. (VYGOTSKY, 1987 p.21).

Estudar a memória no homem é também estudar seus meios e os seus modos. Por isso vai muito além de simples análise sem conhecimento concreto de suas atividades dentro do meio social. Com isso devermos estar o mais próximo possível do meio social dele para sua compreensão, através da história oral.

3.2 MEMÓRIA E A HISTÓRIA ORAL

A relação entre memória e a história oral é mais nítida do que pensamos. A memória busca a captação de experiências de vidas e a história oral faz o registro dessas captações. A história oral e a memória permitem-nos colocar em suportes informações que não foram documentadas.

As entrevistas de história oral nos fornecem a possibilidade de realizações de construções ou reconstruções de memória seja ela, por exemplo, é um indivíduo que foi pioneiro na construção de uma cidade ou até mesmo a vida de grandes líderes da humanidade. As memórias juntamente com a história oral podem explorar aspectos fundamentais dentro de uma sociedade. Dentre desses aspectos podemos observar tradições de um povo como também modificações nessas tradições como o decorrer do tempo.

O campo de trabalho tanto da memória como da história oral é mais vasto do que pensamos, se olharmos as ciências humanas e as ciências sociais a memória e a história oral funcionam como criadora ou reconstrutora de informação seja ela individual ou coletiva. Podemos também usar a memória e história oral em outras ciências como exatas e biológicas, principalmente na interpretação das teorias, como nos aponta Portelli (1998 p.69.)

Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história. Nisto é que temos trabalhado constantemente. De um lado, construindo arquivos e fico feliz por Ver e ter mencionado isso, porque se trata de um recurso inestimável para que a memória não seja esquecida; de outro, insistindo no fato de que a memória é um processo, algo que está acontecendo agora, do qual todos participaram.

A memória sendo trabalhada com as perspectivas e inovações da história oral ganharam meios tanto para documentar as experiências nunca antes valorizadas como meio maior de armazenamento de memória e a unificação desses dois grupos conseguiram um importância generalizada, principalmente no campo acadêmico, para construção de pesquisas, entrevistas, biografias etc. Com a união desses dois instrumentos os acadêmicos priorizam as entrevista, colocando-as como fundamental para as pesquisas.

A entrevista é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Em outras palavras, não existe uma única "maneira certa" de entrevistar, e a maneira que o "bom senso" indica como "certa" para entrevistas com membros da elite política branca do sexo masculino pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais. (THOMSON, 1998. p.58)

Existem críticas na utilização do uso da história oral para construção de memórias. As críticas são em formas de preconceito pessoais, como nostalgia, distorção das memórias.

Atualmente os pesquisadores desenvolveram a realização de avaliação a confiabilidade das memórias orais pesquisadas, pois através desses métodos deixam as críticas sem valor de argumentação para metodologia da história oral e da memória. Desta maneira é confiável afirmar que a história oral e a memória ou são métodos científicos que tem uma grande credibilidade, pois “métodos científicos é conjunto de técnicas e instrumentos utilizados para o desenvolvimento de um determinado estudo”. (VALENTIM, 2005, p.17).

Santos (1996, p.37) diz que “todo conhecimentos científico-natural é científico-social”, por que a interação e intergeração entre os campos científicos, seja ele natural e social são estabelecido na realidade social, na realidade do homem. Desta maneira podemos salientar a utilização da história oral e memória dentro de um único ou vários campos científicos.

Como conhecimento científico, a memória e a história oral foram questionadas principalmente em relação à captação de seus dados, que poderiam estar cheias de ficção, crenças, mitos, tradições das narrativas e isso não era aceito como conhecimento científico. Mas os próprios pesquisadores que utilizavam essas técnicas realizaram maneiras para confiabilidade de seus dados, como inovações de entrevistas, aprofundamento em seus estudos, gravações das narrações, filmagem etc. Com esses novos métodos a utilização da memória e história oral ganham credibilidade no campo científico, pois comprova a confiança dos dados. Através dessa credibilidade “o conhecimento científico cumulativo expressa a ciência construída de uma determinada área. Nesse sentido, o método científico é importante porque é, por meio dele, que se reconhecem os objetos de pesquisa, suas naturezas, seus aspectos mais intrínsecos.” (VALENTIM, 2005, p.23).

4 INTERFACE ENTRE A HISTÓRIA E A ARQUIVOLOGIA.

Arquivologia é considerada um campo científico novo e moderno, apesar de suas práticas serem percebidas desde antiguidade, como se verifica na literatura da área. Apesar de existirem muitas lacunas a serem preenchidas em relação a teoria e a prática se torna complexa como todas as outras das ciências humanas.

Analisada como área de conhecimento, a Arquivologia é uma área cujo conhecimento é racional e sistemático, que possui métodos e práticas próprias. Sua ação é dentro dos arquivos. (FERREIRA, 2012, p.1)

Observando a natureza da Arquivologia é visível a multidisciplinaridade, pois como ciência moderna a Arquivística mantém relacionamento com conhecimento de áreas afins.

Já a história é uma das áreas que o arquivista interage para realização do seu trabalho. Segundo Ferreira (2012, p.03) citando Mundet (1994), a Arquivologia deve estar a serviço da sociedade e as informações disponíveis aos cidadãos, através das instituições arquivísticas. Dessa forma, é preciso que o ensino da Arquivologia esteja de acordo com esse compromisso, para que não haja um descompasso entre a profissão e o mundo ao qual estamos incorporados.

A História utiliza-se do tempo para recuperar as ações feitas pelo homem que modificaram a sociedade. Segundo Borges (1989, p.47) “nada permanece igual e é através do tempo que se percebe as mudanças.” O objeto de estudo da história é o homem e seus vestígios deixado ao longo do tempo. Esses vestígios são fundamentais para construção histórica. Esses vestígios são também documentos arquivísticos. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p.73), documento é “uma unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”, como “uma vez cumprida sua função administrativa, os documentos passam a constituir fonte primária para os estudos históricos”.

A história é uma ciência que indubitavelmente está presente em todas as ciências. A Arquivologia, por sua vez, como campo de conhecimento, possui técnicas e procedimentos específicos. De maneira interdisciplinar essa duas áreas podem construir e preencher uma memória institucional através dos documentos e a história oral. Nesse sentido, Santos (2004, p. 7).afirma:

A História e a Arquivologia, no contexto dos procedimentos historiográficos e arquivísticos, permitem uma relação interdisciplinar temática, a partir de hipóteses de trabalho comuns, com referenciais teóricos muito próximos e, também, a utilização de arquivos, instrumentos de pesquisa e diversificadas fontes para a História.

Nessa visão, o arquivista está a serviço da História. Nesse contexto a técnica da história oral ao ser inserida na Arquivologia é de grande utilidade para suprir intervalos na historiografia da construção seja de uma memória institucional ou na construção de um arranjo de uma unidade arquivística.

Muitas vezes analisar apenas a massa documental de uma unidade arquivística, não é suficiente para a construção de sua memória ou de um arranjo documental. Como a própria memória afirma, o esquecimento faz parte da história. E como base do nosso esquecimento e às vezes da própria falta de valorização do profissional que trabalha com os documentos, deixamos de construir a memória, que dá suporte para realizar o arranjo documental. O profissional que trabalha no arquivo também é valioso, pois sua capacidade de entendimentos e sua vivencia histórica no arquivo serve de alicerce para a construção do conhecimento. A memória biológica do funcionário do arquivo pode contribuir para a reconstituição da memória institucional. E de que forma realizar essa reconstituição da memória desses funcionários? Captando por meio da técnica da história oral.

Utilizando a técnica da história oral, tão bem trabalhada no campo da História para recuperar informações que ao longo do tempo passam despercebidas mas que possui valores, muitas vezes negligenciados.

5 O ARQUIVO PERMANENTE E O ARRANJO: desafio para o arquivista

Arquivos permanentes são formados por documentos guardados de forma definitiva devido ao seu valor. Esse tipo de arquivo possui grande importância para a pesquisa e para ser consultado pelos usuários. A Lei (8.159/91, art. 8º) define arquivo permanente como um “conjunto de documento de valor histórico, probatório e informativo que devem ser definitivamente preservado.”

Registrar a informação em um suporte físico é o conceito clássico de documento. Já as instituições ou organizações que desenvolvem um material do seu exercício, arquivando e conservando durante ao longo dos anos, isso é chamado de documento arquivístico. O documento pode ser classificado quanto ao suporte como textuais, gráficos, audiovisuais e digitais..

Um fundo pode ser definido como documentos nascido da mesma fonte geradora. Já a série documental é o conjunto similar de documentos produzido ou recebido numa mesma época.

Segundo Locks e Gahnem (1986,p.7) o arranjo arquivístico é o processo de ordenação dos fundos das séries e itens documentais (classificação). Nesse caso, a análise documental pode ser afirmada como uma atitude de recuperação da informação.

A visão mais comum dentro de um arquivo é de documentos desordenados, sem conservação e preservação. É nítido também que falta um planejamento arquivístico nos arquivos, ocasionado pela falta do profissional qualificado. Colocar nas estantes e em caixas Box não é suficiente para o arquivo funcionar adequadamente. Isso porque, pode se feito esses procedimentos de qualquer forma sem respeitar os procedimentos definidos na gestão documental.

Colocar em ordem os documentos é um dos primeiros procedimentos feitos pelo arquivista para facilitar a localização do documento quando houver a necessidade para consultá-lo. Portanto, a construção de um arranjo arquivístico é uma forma inteligente e aconselhada para acabar com o problema no arquivo, que é a localização do documento.

O arranjo de um arquivo ou de uma biblioteca nada mais é do que a maneira pela qual os objetos dos seus fundos e coleções são colocados num ambiente físico, específico, ou nos ambientes e espaços adaptados para a guarda desses objetos. De qualquer forma, visando sempre uma relação harmoniosa entre continente/conteúdo. (MURGUÍA; REGISTRO; 2005. p.02).

O arranjo arquivístico tem como objetivo principal colocar em ordem os documentos, a partir da classificação juntamente com o método de ordenação física dos documentos. Como afirma Jardim (1995, p.5) é a ação do arquivista em todo ciclo de vida do documento que garantirá a preservação do patrimônio documental de uma sociedade.

Para construção do arranjo arquivístico, o arquivista deve possuir conhecimento pleno sobre a história da instituição que produziu ou produz a documentação, a origem do documento; a função do documento e o desenvolvimento organizacional e funcional. Essas são as principais características ou conhecimento que o arquivista deve ter para colocar em prática na elaboração do arranjo arquivístico.

O procedimento inicial já citado no parágrafo anterior será a melhor maneira que o arquivista terá para estudar o arquivo. O diagnóstico da massa documental será a melhor ferramenta para que o arquivista possa pensar e agir na melhor metodologia para agrupar e arranjar os documentos seguindo critérios estabelecidos pela Arquivologia.

O trabalho do arquivista começa quando ele colocar seu conhecimento teórico em prática, ou seja, o arquivista deve usar sua capacidade de raciocinar para desenvolver a excelência em seu trabalho. Colocar em ordem deve ter a procedência da relação documental, sendo vistos seus conteúdos. Para que isso ocorra os documentos devem ser visto como unidade coletiva e analisando sua origem.

O arranjo é iniciado por meio da classificação documental, aonde irá ser criado um plano para ordenação dos documentos, ou seja, parte do pressuposto que os próprios documentos podem estabelecer ligações para a elaboração do arranjo.

O arranjo deve obedecer ao princípio da proveniência ou Teoria de Fundos ou princípio do "Respect des Fonds" que é "a prática de deixar agrupados, sem misturar uns aos outros, conjuntos documentais provenientes de uma administração pública ou privada ou pessoa física". (BELLOTTO,1991).

Schellenberg (1980) conceitua arranjo como "processo de agrupamento dos documentos singulares em unidades significativas e o agrupamento, em relação significativa, de tais unidades entre sim". Já Gracy II (1977) afirma que "arranjo é o processo e o resultado da organização de arquivos, documentos e manuscritos de acordo com os princípios arquivísticos consagrados, particularmente o da proveniência, respeitando se os seguintes níveis: arquivo, fundo, grupo ou seção, série, conjunto lógico dentro as série e documento."

O arquivista começa suas atividades separando a massa documental por fundos. Nessa fase ele precisa ter bastante conhecimento para saber distinguir os fundos e poderá também utilizar a interdisciplinaridade para auxiliar o seu trabalho.

Um exemplo de dificuldade encontrado pelo arquivista na construção do arranjo é quando ele se depara com a não fixação do fundo documental. Quando isso ocorre, Bellotto (1988) afirma que temos que "fazer um levantamento da história institucional das unidades produtoras dos documentos. Quem produziu/Em que circunstância/Objetivos/Destinado a quem/Como e quando recebido/Como veio a ser recolhido pelo Arquivo Permanente".

O arranjo é uma operação ao mesmo tempo intelectual e material. [ou seja, arranjo é também ordenação] para organizar os documentos uns em relação aos outros; as séries, uma em relação as outras; os fundos, uns em relação aos outros; dar números de identificação aos documentos; coloca-los em pastas; caixas ou latas; ordená-las [ou seja, ordenar é também armazenar, e está incluindo na operação de "arranjo", que neste sentido inclui uma sucessão de operações, a saber, numerar, identificar, acondicionar e ordenar] nas estantes. (BELLOTTO,1988, pág 87).

O arranjo e a descrição se complementam nos procedimentos arquivístico. Ambos têm como função resgatar a informações, pois, o arranjo coloca em ordem e a descrição e divulga o conteúdo do arquivo.

É nesse momento que a historia oral, como aponta Sousa (2008, p.25)

na modalidade temática, isto é, as entrevistas feitas a partir de um roteiro com temas a serem abordados pelos entrevistados, funcionários e ex-funcionários da organização. Os temas devem ser pensados dentro do âmbito do trabalho que esta sem realizado, que é o de conhecer o sujeito criador.

vem auxiliar o arquivista para obtenção das relações acima mencionada por Bellotto, no momento da elaboração do arranjo.

A construção do arranjo da massa documental de uma instituição partirá sempre da iniciativa do arquivista, pois será o mentor e construtor do arranjo. Terá que colocar em pratica seus conhecimentos: intelectual (no plano das idéias) e explícito (plano verbal), sobre documentação a ser organizada.

O arquivista inicia seu trabalho de arranjo, estudando sobre a instituição. É ponto de partida para desenvolver um trabalho organizado e aceitável. Entender o funcionamento da instituição, com que ela trabalha quanto tempo à instituição foi iniciada e para que finalidade foi criada, ou seja, entender sobre o passado e o presente da instituição.

A massa documental encontrada na instituição será a principal fonte de pesquisa do arquivista. Essa massa documental deve ser analisada de forma minuciosa e atenciosa seguindo os princípios da Arquivologia.

Analisando a massa documental o arquivista poderá encontrar suas dificuldades de trabalho. Motivos para essa dificuldade pode ser inúmeros, como exemplo, desde o próprio estado do documento, a perda dos documentos e outros motivos que serão encontrados pelo arquivista. Enfatizando de maneira atenciosa nessas dificuldades, podemos perceber que a perda ou falta de documentos nos arquivos deixam lacunas que precisamente devem ser ligadas. E como descobrir a organicidade para preencher essas lacunas? E quando essa ligação for quebrada? E o que fazer quando o arquivista diante da massa documental enxergar uma lacuna documental que impossibilitará a realização do seu trabalho? Como continuar a construção desse arranjo sem esse fio condutor que identifica as diversas modificações realizadas na estrutura da instituição?.

Sobre essas questões, Tessitore (1996, p.41), propõe que o arquivista

não deve perder de vista a perspectiva global da área com a qual está trabalhando, valoriza os detalhes e o detalhe preciso, na medida em que, enquanto contexto norteador para a organização e uso dos documentos, enquanto referencia para o desenvolvimento de outras pesquisas, cumpre-lhes informar sobre datas de criação e extinção de órgãos e funções, sobre mudanças de subordinação, de denominação, alterações na produção documental, etc.

Tendo como base a recuperação da informação, a reconstrução da memória e a construção do arranjo arquivístico, buscamos uma solução para resolver os problemas encontrados nos arquivos. É nesse momento que o arquivista pode utilizar a história oral como técnica de recuperação da informação para construir o arranjo. Trabalhando com a história especificamente com a história oral a Arquivologia encontra um meio para solucionar problemas muitas vezes complexos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre essa temática, o artigo busca apresentar como se dá a contribuição da história oral para o trabalho do arquivista para elaboração do arranjo documental, uma vez que pessoas que trabalham e trabalharam nas instituições podem fornecer indícios para o regaste da evolução histórica e administrativa e facilitar na elaboração do arranjo documental.

Como antes mencionado, a classificação por função é mais utilizada, uma vez que a classificação estrutural é realizada com base nas estruturas administrativas. Pelo fato da instabilidade dessas estruturas, dificulta o trabalho do arquivista. Essas dificuldades estão relacionadas “a estrutura do organismo produtor e conseqüentemente à impossibilidade do regaste dessa estrutura administrativa, das relações entre documentos e as atividades geradoras” (LUNARDELLI; CALDERON, 2008, p. 57)

Contundo o arranjo não pode ser realizada sem que o arquivista tenha o conhecimento dos registros documentos de alterações acima mencionadas. A documentação corrente pode ser classificada por funções, mas de caráter permanente carece que seja definido e identificado que a produziu, atendendo assim, ao principio da proveniência.

Levantar todas essas informações leva o arquivista a desenvolver a habilidade de pesquisador para que a memória institucional seja espelhada na organização da documentação permanente. Essa reconstrução será viável pela utilização da técnica da história oral, que fornecerá pistas para localizar documentos que testemunhem tais mudanças ou fatos que justifiquem as lacunas existentes.

Agindo dessa forma, a história oral passa a ser uma técnica adotada da História e aqui destacada como uma nova possibilidade que contribuirá para o avanço da Arquivologia. Essa interlocução entre as duas áreas configura-se uma via de mão dupla.

Como argumenta o próprio Sousa (2008, p.25), na falta desses registros que auxiliarão o arquivista na elaboração do arranjo sem cometer equívocos, a história oral recupera informações obtidas pelas pessoas que fornecem indícios para localização dos registros documentais, facilitando o trabalho do arquivista.

Trazer a técnica da história oral como instrumento para auxiliar a construção de arranjo documental é desafio inovador e importante para Arquivologia. Sendo um campo de conhecimento ainda em desenvolvimento, que trabalha a informação, verifica-se que a Arquivologia dialoga com a História para o arranjo dos documentos, onde a classificação estrutural é eminente nesse processo. Logo, a Arquivologia utiliza a História, no processo da gestão documental.

7 REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. (Publicações Técnicas, nº 51).

BRASIL. Leis e decretos. **Lei n. 8.159** - 08 jan 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. *Diário Oficial*, Brasília, 9 jan 1991.

BARRETO, Ângela Maria. Memória e Sociedade Contemporânea: apontando tendências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 161-176, jul./dez., 2007.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Descrição sumária: solução de acesso. In: **Arquivo**: boletim informativo e histórico. São Paulo: 9(2), p. 65-71, jul./dez. 1988.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli; CAMARGO, Maria de Almeida (Orgs). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros/ Núcleo Regional de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. 198 p.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 14. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos).

BOURDÉ, Guy. e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: Editora Europa-América, 2000.

CÂMARA, Maria Lúcia Botelho. **Interdisciplinaridade e formação de professores na UCG**: uma experiência em construção. Brasília, 1999.

COSTA, I. T. M. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. 169f. Tese (Doutorado)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://tededep.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2008-02-15T15:39:41Z24/Publico/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2014.

FAZENDA, I. (Org.). Didática e Interdisciplinaridade. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005a. Coleção Práxis.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.

PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: Desafios da história para a ideologia do século XXI. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tania Maria, ALBERTI, Verena. (Orgs.) **História Oral**: Desafio para o século XXI. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 1998

FERRERA, Rafael Chaves. **A relação dialógica entre Arquivologia e História na formação acadêmica do arquivista**. Graduando do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. 2012

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação** / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Brasília: IBICT, 1995a. v. 25, n. 2. p. 1-13. Disponível em: <www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=818&article=480&mode=pdf> Acesso em: 03 dez 2013

LEGOFF, Jacques. **História e memória**, Campinas, Ed. UNICAMP, 2003.

LOCKS, Ana Lúcia e GHANEM, Valéria Gouvêa. Arranjo em Arquivo Público. **ÁGORA**. Florianópolis, Ano 2, re 4. dez. 1986.

LUNARDELLI, Rosane Suely Álvares; CALDERON, Wilmara Rodrigues. Fundo arquivístico: Múltiplas leituras a respeito do termo. . In.: BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida. (Orgs.). **Gestão em Arquivologia**. Londrina: EDUEL, 2008. P.

GAGETE, Êlida; TOTINI, Beth. Memória empresarial, uma análise da sua evolução. In: **Memória de empresa**: História e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações. São Paulo: Aberje, 2004, p. 113-126

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **O método científico**: teoria e prática São Paulo: Harbra, 1986. 200 p.

GRACY II, David B. **Archives & Manuscripts**: arrangement & description. Chicago: Society of American Archivists, 1977.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 224p.

KRAUSZ, M. Onde as disciplinas se encontram. **Revista Educação**: Ensino Interdisciplinar. 132. ed. 2008. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12397>. Acesso em: 2014.

MINAYO, M. C. S.(Org.); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARTINELLI, M. L. (Org.) **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999. 143p.

Morrissey, C. T. On Oral History Interviewing. In: Perks e Thomson (eds.). **Oral History Reader**, 1970, p. 107-108.

MURGUIA, Eduardo Ismael. Historiografia e memória no filme nós que aqui estamos por vos esperamos, **Estudos de História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social**. Franca, v. 11. n. 2, 2004.p. 85-102.

NASSAR, Paulo. **A Mãe de todas as responsabilidades**. 18 ago. 2007. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1837029-EI6786,00-A+mae+de+todas+as+responsabilidades.html>. Acesso em: 01 fev. 2014.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível"**. Editora UNESP. 1987.

REGISTRO, Tânia Cristina. **O arranjo de fotografias em unidades de informação: fundamentos teóricos e aplicações práticas a partir do Fundo José Pedro Miranda do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto**. 2005. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

SANTOS, Joél Abilio Pinto dos. **Fundamentos de arquivologia: para uma escrita da história**. In Caderno Didático. Santa Maria: UFSM, 2004.

SANTOS, Boaventura. de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 8.ed. Porto: Edição Afrontamento, 1996. 58p.

SOUSA, Renato Tarcisio Barbosa de. Em busca de um instrumental teórico-metodológico para a construção de instrumentos de classificação de documentos de arquivo. In. : BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida. (Orgs.). **Gestão em Arquivologia**. Londrina: EDUEL, 2008. p.11-52.

SCHELLENBERG, T. R. **Documentos públicos e privados: arranjo e descrição**. Trad.Manoel A.Wanderley. 2 ed.Rio de Janeiro: FGV, 1980.

SCHMIDT, Maria Luísa S.; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, 4 (1/2), p. 285-298, 1993.

TESSITORE, Viviane. Arranjo: estrutura ou função? São Paulo: Arquivo Público do Estado, 1989.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: Perspectiva Internacional da História Oral. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tânia Maria, ALBERTI, Verena. (Orgs.) **História Oral**: desafio para o século XXI. *Rio de Janeiro*. Ed. Fiocruz. 1998.

VALENTIM, Marta Ligia (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005.

VIGOTSKY, L.S. **Imaginación y el arte em la infância**. México: Hispânicas, 1987.